

## **CIDADE DE MAPUTO ESPAÇOS CONTRASTANTES: DO URBANO AO RURAL**

MANUEL G. MENDES DE ARAÚJO <sup>1</sup>

### **INTRODUÇÃO**

A cidade de Maputo, de acordo com o II Recenseamento Geral da População e Habitação de 1997 (IIRGPH 97), tem uma população de 966.837 habitantes distribuídos pelos 5 distritos urbanos e 2 localidades em que a urbe se organiza administrativamente. Por sua vez, os 5 distritos urbanos estão divididos em 53 bairros.

Entre os distritos, as localidades e os bairros observam-se contrastes evidentes, quer do ponto de vista da organização e edificação urbanas, quer das características demográficas e sociais dos seus moradores. Estas diferenças são, em alguns casos, bastante acentuadas, pelo que não é de estranhar que, por vezes, se coloque em questão o conceito clássico de urbano para amplas partes da cidade, em particular aquelas que, dentro dos seus limites, constituem os bairros designados por periurbanos. Estas diferenças evidenciam a presença de 3 áreas diversificadas dentro do espaço administrativo da cidade.

Sobre a cidade de Maputo já bastante se tem escrito (MUCHANGOS, CHEREWA, etc.), mas sempre considerando-a como um todo, quando parece de facto ser evidente que dentro dela existem, pelo menos, três realidades diferentes do ponto de vista urbano, demográfico e social. O facto de comumente se considerar, em documentos oficiais e na nomenclatura usada pelo município, a cidade dividida em área urbana, suburbana e periurbana, é revelador destas três realidades existentes dentro do espaço da cidade de Maputo. Contudo, estas designações não são usadas de forma rigorosa, quer no seu conceito, quer no espaço. Por isso os seus limites e as análises variam muito de documento para documento e de autor para autor. A maior parte das vezes estas designações são utilizadas de forma discriminatória, pois o suburbano é considerado o espaço

---

<sup>1</sup> Professor Associado da Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique) no Departamento de Geografia e Director do Centro de Estudos de População da mesma Universidade, doutorado em Geografia Humana pela Universidade de Lisboa.

da pobreza, da ocupação anárquica do solo e da marginalidade. Pelo contrário, a área urbana é vista como aquela que necessita, cada vez mais, de investimentos em infra-estruturas e onde não pode ter lugar a população mais pobre. Quanto aos bairros periurbanos, são considerados e tratados como uma reserva de espaço para a expansão da cidade que extravasa do centro (área urbana).

Não é objectivo deste artigo definir os conceitos e discutir as formas de expansão de cada uma das áreas acima referidas. O que aqui se pretende é analisar alguma informação, com base no censo populacional de 1997 e em trabalho de campo realizado no âmbito do curso de Geografia da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), de forma a entender um pouco melhor os diferentes espaços da cidade de Maputo, assim como os seus limites.

## I. DO CIMENTO AO CANIÇO

Na linguagem popular, e segundo a formulação que se foi enraizando até se divulgar em uso comum nos mais variados textos, a cidade de Maputo, como sucede com todas as urbes moçambicanas, é formada pela «cidade de cimento» e pela «cidade de caniço». Estes termos vêm desde o tempo colonial e representam, perfeitamente, a cidade dual que se construiu, como sucedeu em todas as cidades coloniais da África sub-sahariana. Por um lado, o centro urbano, composto por bairros organizados numa planta ortogonal nítida, de avenidas e ruas amplas, com edifícios de diversos pisos (o prédio mais alto da cidade tem 33 andares), bairros de vivendas, comércio especializado, diversos e variados serviços e infra-estruturas sociais e de abastecimento e saneamento. A rodear esta área, instalaram-se diversos bairros de população mais pobre atraída pela possibilidade de trabalho na «cidade de cimento». Crescem sem qualquer plano de ordenamento, de forma espontânea, sem infra-estruturas adequadas, com uma rede viária que é uma teia de ruas estreitas e tortuosas, caminhos e vielas e onde predominam as casas de caniço<sup>2</sup>, donde vem a designação, e de madeira e zinco que aqui funcionam como um símbolo de uma certa urbanidade.

O crescimento da «cidade de cimento» faz-se à custa de espaço que é alienado ao «caniço», situação ainda presente, sendo a população deste obrigada a procurar outros espaços para reedificar um novo local de residência.

A «cidade de cimento» corresponde ao espaço da área urbana, enquanto o «caniço» constitui aquilo que são considerados os bairros suburbanos e, mais recentemente, os periurbanos.

---

<sup>2</sup> As casas são construídas com estacas (pau a pique) e cobertas com caniço (capim), podendo ser maticadas (barradas com argila) ou não.

Apesar das grandes transformações socio-económicas observadas na cidade após a independência do país e de os residentes do «cimento» terem mudado radicalmente, passando a ser, na sua grande maioria, população moçambicana, os contrastes entre a área urbana (o «cimento») e a suburbana (o «caniço») mantiveram-se e, em muitas situações, agudizaram-se.

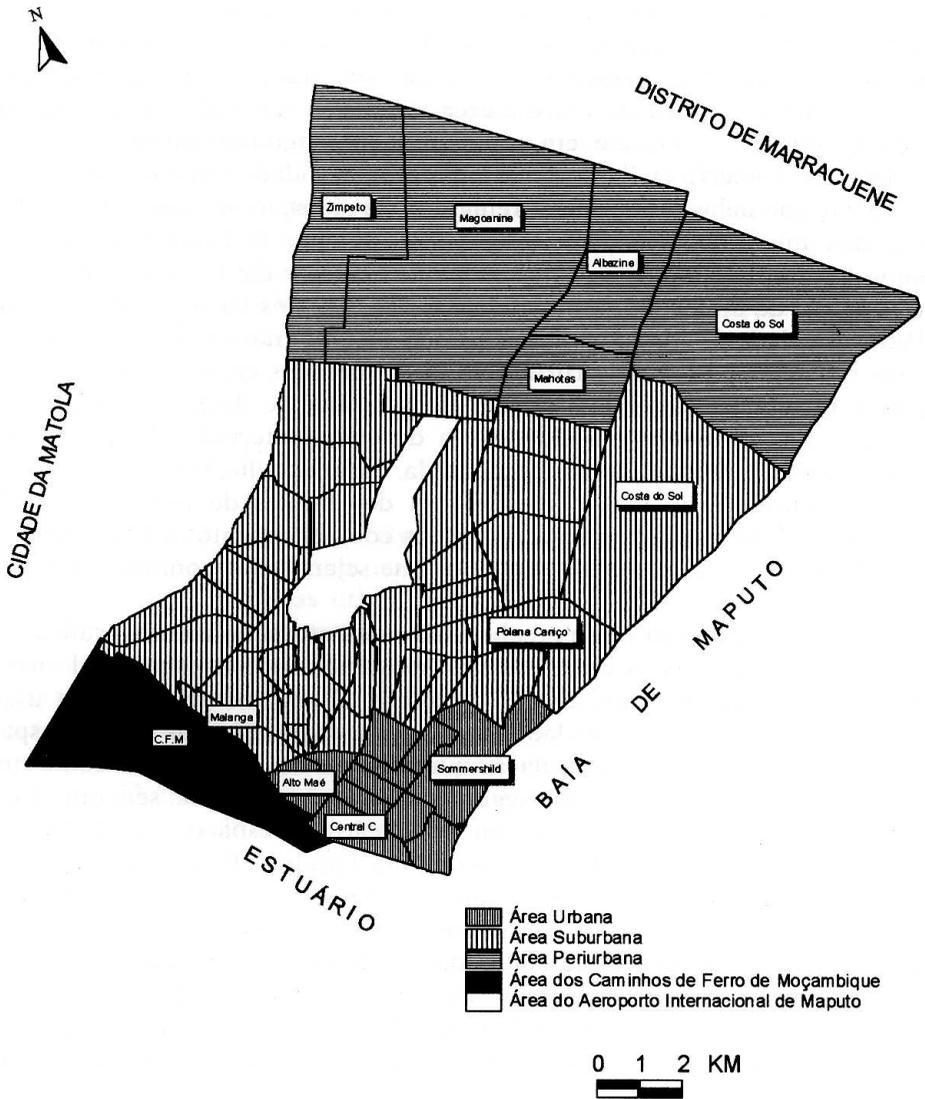
Durante a guerra civil que devastou o país, as cidades receberam milhares de famílias que nelas procuravam refúgio. Esta situação alterou a composição sexual dos imigrantes, conforme se verá mais adiante. As famílias rurais instalavam-se junto de familiares já residentes na cidade e em tudo que era espaço não ocupado da área suburbana e também em diversos locais da periferia das cidades. A cidade de Maputo, apesar de ser a capital nacional, tendo recebido muitos refugiados do mundo rural, não foi a que mais cresceu com este fenómeno, a ter em conta os dados estatísticos de que se dispõe. No entanto, a percepção dos residentes na cidade é a de que ela fervilha de gente. Deve pôr-se a hipótese de a cidade ser frequentada, durante o dia, por uma população flutuante considerável, mas residente fora dos limites da urbe. As famílias vindas do mundo rural, mantiveram os seus comportamentos e hábitos rurais, descobrindo terrenos, por mais pequenos que sejam, para continuar a prática da agricultura.

Em 1986 o governo levou a cabo uma reestruturação administrativa com a qual foram anexadas às cidades áreas substanciais do espaço rural circundante, que foi subtraído aos distritos vizinhos. O argumento na altura usado para esta medida, foi a necessidade de colocar à disposição das cidades espaço para a sua expansão. Assim, população que num dia era considerada como rural e que vivia e agia como tal, no dia seguinte passou a ser urbana, sem que tivesse ocorrido qualquer transformação na ocupação do espaço, nas formas de produção, no comportamento e na economia familiar. É a partir daqui que surge uma nova designação para a terminologia urbana de Maputo: a de bairros periurbanos que nada tinham de urbano, se forem considerados os conceitos clássicos, e sem que tenham sido definidas as suas características.

Assim como a área suburbana contrasta com a urbana, também a periurbana é completamente diferente de qualquer das outras duas, agregando-se, desta forma, à cidade dual um terceiro espaço que se dispõe em coroa à volta do suburbano (mapa da fig. 1).

O mapa da figura 1 apresenta a cidade de Maputo com os seus bairros distribuídos pelas três áreas aqui referidas. Os limites das áreas são uma adaptação do autor deste artigo a partir da divisão que o Conselho Municipal faz entre as áreas urbana e suburbana, com base em alguns indicadores, tais como: tipos e formas de construção; infra-estruturas; densificação do espaço construído; tipo de actividade económica principal do chefe do agregado familiar.

A separação entre o urbano e o suburbano não deve ser vista como estática e definitiva. Na realidade, os bairros suburbanos que confinam com os urbanos encontram-se num rápido processo de transformação. É o que sucede com os



GIS/CEP – Elaborado por José Rafael.

Fonte: Elaborado pelo autor, com base no mapa da cidade da célula de indereçamento do concelho Municipal de Maputo.

bairros da Malanga, Maxaquene, Mafalala, Polana Caniço A e Costa do Sol. Este processo é complexo porque, a maior parte das vezes, as novas edificações que neles surgem não obedecem a qualquer plano de ordenamento e uma parte dos anteriores residentes são obrigados a deslocarem-se para outros locais da

cidade (suburbana e periurbana), para ceder o seu espaço aos novos residentes que, com muito maior poder económico, constróem vivendas luxuosas. Os dois casos mais flagrantes e aberrantes desta situação estão a ocorrer nos bairros da Polana Caniço A e da Costa do Sol. No primeiro destes bairros estão a surgir dezenas de vivendas unifamiliares luxuosas, normalmente de dois pisos, que não obedecem a nenhum ordenamento, sem que se tenham construído infra-estruturas de saneamento e viárias. As centenas de famílias de trabalhadores de fracos rendimentos que aqui viviam há, pelo menos, uma geração, foram deslocadas para diferentes áreas da cidade, com piores condições das que aqui possuíam. Num inquérito realizado por estudantes do 4.º ano de Geografia aos novos moradores, mais de 65% consideram-se residentes no bairro de Sommersfield, que é o bairro da área urbana que faz limite com o da Polana Caniço A. Isto revela que estes novos moradores não se identificam com o bairro onde construíram as suas novas moradias, por este, Polana Caniço, se identificar com os subúrbios, com a «cidade de caniço».

Mas também uma parte, cada vez maior, de antigos residentes constróem novas casas com material definitivo (blocos, tijolo, cimento, etc.), para substituírem as anteriores de madeira e zinco e/ou de caniço.

Desta forma o «cimento» substitui, gradualmente, o «caniço», conferindo aos bairros suburbanos uma nova face, mas sem que isso seja acompanhado pela construção de infra-estruturas viárias, de saneamento, de serviços e outras; estas continuam fortemente concentradas na área urbana.

O espaço suburbano apresenta uma ocupação muito elevada, sem áreas verdes e com poucas de lazer; as residências como que se acumulam, sem obedecer a um plano. Por isso a construção de infra-estruturas viárias e de saneamento, por exemplo, transforma-se sempre num problema, pois implica o derrube de muitas casas e a deslocação de população para outras áreas que, nos bairros suburbanos, não existem desocupadas.

O bairros da área periurbana distinguem-se dos suburbanos, não por estarem na periferia dos limites administrativos da cidade, mas porque a densidade de ocupação residencial do espaço ainda é baixa e a actividade agrícola ainda está presente em todos eles ocupando áreas consideráveis, mas que vão diminuindo de ano para ano para dar lugar à construção de novas residências. As casas tradicionais rurais (palhotas) marcam uma forte presença, mas ao seu lado estão a surgir novos espaços residenciais de vivendas e quintas rodeadas de amplos terrenos murados, pertencentes a novos moradores vindos, maioritariamente, da área urbana. Não se avança aqui com a análise deste fenómeno, pois ele está a ser estudado pelo autor deste artigo e parece apresentar contornos bastante complexos. De acordo com os primeiros dados, uma parte considerável das famílias que deixam o centro urbano e se deslocam para a área periurbana, pertencem a classes economicamente abastadas que alugam os apartamentos e/ou vivendas que têm no centro e vêm à procura de maiores espaços.

A área urbana coincide com o distrito urbano n.º 1, com excepção das localidades urbanas da Catembe e da Inhaca que, pertencendo, administrativa-

mente, a este distrito, devido às suas características são incluídas na área periurbana.

Os bairros da área suburbana distribuem-se pela totalidade dos distritos urbanos n.º 2 e 3, assim como por grande parte dos n.º 4 e 5.

A área periurbana é constituída pelos bairros que constituem o extremo norte da cidade, pertencentes aos distritos urbanos n.º 4 e 5, pela localidade urbana da Catembe, que se situa na outra margem (sul) da baía de Maputo e pela localidade urbana da Ilha da Inhaca, que se localiza à saída da mesma baía (estas duas localidades urbanas não estão representadas no mapa da fig. 1).

## II. A DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA POPULAÇÃO

O IIRGPH 97, como já atrás foi referido, atribui à cidade de Maputo uma população de 966.837 habitantes, com uma razão de sexo de 96 homens por 100 mulheres (473.728 homens e 493.109 mulheres).

Tendo em conta que em 1980 a população desta cidade era de 537.394 residentes (Recenseamento Geral da População de 1980), com uma razão de sexo de 108 homens por 100 mulheres, constata-se que se observaram algumas alterações durante este período, não tanto em relação ao crescimento demográfico, mas do ponto de vista da estrutura sexual. A taxa de crescimento populacional, para o período, situa-se por volta dos 4,5%, que não é demasiado elevada se se considerar que no decurso daqueles anos muita população rural se refugiou na cidade devido à guerra civil e que em 1986 os limites urbanos foram acrescidos, incluindo a área que aqui se considera como periurbana. Mesmo depois de terminar a guerra civil o fluxo de imigrantes vindos do campo continuou, apesar de em muito menor escala. Da população com 5 anos e mais que em 1997 residia na cidade de Maputo, 8,3% haviam imigrado nos últimos 5 anos (entre 1992 e 1997) provenientes de diferentes partes do país, mas em particular das áreas rurais das províncias próximas (Maputo, Gaza e Inhambane) donde são originários 61,9% dos imigrantes deste período (IIRGPH 97). Esta população instala-se nas áreas suburbana e periurbana, especialmente nesta última, onde ainda existe espaço e aí instalam não apenas as suas casas, iguais às que tinham no campo (palhotas), mas também os seus espaços produtivos agrícolas que, como no mundo rural, ficam à volta do espaço residencial familiar (ver exemplos no final deste artigo).

A grande alteração observou-se na razão de sexo (*sex-ratio*) que passou de 108 em 1980 para 96 em 1997. As primeiras pessoas que abandonaram os seus locais de origem no campo foram as mulheres, os filhos e outros familiares próximos de homens que já se encontravam a trabalhar na cidade. Assim, ao contrário do que sucedia anteriormente, durante a guerra civil demandaram a cidade mais mulheres que homens, alterando a relação tradicional entre sexos na cidade. Mas esta transformação não foi igual para toda a urbe, como mais

adiante se verá, o que vem reforçar as diferenças dos 3 espaços urbanos de Maputo e confirmar a instalação dos imigrantes nas áreas suburbana e periurbana.

A distribuição da população de Maputo pelas três áreas aqui consideradas e pelos bairros pode ser observada nos Quadros I a IV. A área suburbana, composta por 36 bairros (69,2% do total dos bairros), concentra 77,5% de toda a população da cidade e nela se encontram os 16 bairros mais populosos, com mais de 20.000 habitantes cada um; dois destes bairros possuem um número de residentes superior a 40.000 (bairro Ferroviário e bairro Polana Caniço A). Em contrapartida, na área urbana o bairro com mais residentes (Malhangalene B) não ultrapassa os 17.138 moradores.

Os cinco bairros e as duas localidades que constituem a área periurbana, apesar de serem bastantes extensos, apenas albergam 8,7% da população da cidade de Maputo. Apenas o bairro das Mahotas tem um número de moradores elevado (21.282).

A relação tradicional entre o número de homens e de mulheres da cidade de Maputo até 1980 apenas se mantém na área urbana, onde ainda continuam a residir mais homens que mulheres, com destaque para o bairro Sommershield, onde vive a principal elite de Maputo, empresários, políticos e a grande maioria do corpo diplomático (Quadro II).

Nas duas outras áreas (Quadros III e IV) moram mais mulheres que homens, o que é a situação prevalecente em todo o mundo rural moçambicano. Na cidade suburbana apenas se exceptuam os bairros de Chamanculo A e Minkadjuine, que são bairros antigos, tradicionalmente de forte imigração rural, assim como o da Costa do Sol onde se instalou, junto à praia, um espaço residencial habitado por uma elite empresarial e estrangeira, e que é conhecido, vulgarmente, pelo nome de «bairro» do Triunfo. A razão de sexo da área periurbana ainda é menor que a anterior, aproximando-se ainda mais dos valores rurais, com excepção do bairro Albasine, por razões ainda pouco estudadas.

QUADRO I

**Cidade de Maputo. Distribuição da população por sexo, segundo as áreas urbana, suburbana e periurbana**

Áreas	População					
	Total		Homens		Mulheres	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Urbana	133.759	13,8	67.910	14,3	65.849	13,3
Suburbana	748.513	77,5	365.284	77,1	383.229	77,8
Periurbana	84.565	8,7	40.544	8,6	44.021	8,9
Total	966.837	100	473.738	100	493.099	100

QUADRO II

## Cidade de Maputo. Área urbana. Distribuição da população por bairros

Bairros	População			Razão de sexo
	Total	Homens	Mulheres	
Alto Maé A	11.126	5.619	5.507	102,0
Alto Maé B	15.794	7.991	7.803	102,4
Central A	13.110	6.486	6.624	97,9
Central B	14.806	7.449	7.357	101,3
Central C	9.885	5.161	4.724	109,3
COOP	6.358	3.318	3.040	109,1
Malhangalene A	10.548	5.298	5.250	100,9
Malhangalene B	17.138	8.602	8.536	100,8
Polana Cimento A	10.787	5.418	5.369	100,9
Polana Cimento B	12.791	6.460	6.331	102,0
Sommershield	11.416	6.108	5.308	115,1
Total	133.759	67.910	65.849	103,1

QUADRO III

## Cidade de Maputo. Área suburbana. Distribuição da população por bairros

Bairros	População			Razão de sexo
	Total	Homens	Mulheres	
Aeroporto A	17.132	8.390	8.742	96,0
Aeroporto B	17.577	8.562	9.015	95,0
Bagamoio	21.966	10.685	11.281	94,7
Camanculo A	14.419	7.217	7.202	100,2
Camanculo B	11.006	5.305	5.701	93,1
Camanculo C	27.638	13.561	14.077	96,3
Camanculo D	14.535	7.122	7.413	96,1
Costa do Sol	14.186	7.316	6.870	106,5
Ferrovário	41.353	19.961	21.392	93,3
FPLM	10.834	5.230	5.604	93,3
George Dimitrov	39.667	19.069	20.598	92,6
Hulene A	27.655	13.261	14.394	92,1
Hulene B	38.664	18.698	19.966	93,6
Inhagoia A	17.923	8.711	9.212	94,6
Inhagoia B	15.195	7.486	7.709	97,1
Jardim	14.335	6.979	7.356	94,9

(continua)

QUADRO III

Cidade de Maputo. Área suburbana. Distribuição da população por bairros (continuação)

Bairros	População			Razão de sexo
	Total	Homens	Mulheres	
Laulane	23.102	11.086	12.016	92,3
Luis Cabral	33.553	16.465	17.088	96,4
Mafalala	21.189	10.385	10.804	96,1
Malanga	17.651	8.742	8.909	98,1
Malhazine	8.491	4.109	4.382	93,8
Mavalane A	20.064	9.714	10.350	93,9
Mavalane B	11.896	5.823	6.073	95,9
Maxaquene A	22.809	11.199	11.610	96,5
Maxaquene B	29.527	14.491	15.036	96,4
Maxaquene C	18.790	9.186	9.604	95,6
Maxaquene D	20.518	9.907	10.611	93,4
Minkadjuine	9.349	4.691	4.658	100,7
Nsalene	4.296	2.065	2.231	92,6
Polana Caniço A	45.528	22.291	23.237	95,9
Polana Caniço B	38.346	18.794	19.552	96,1
Unidade 7	9.310	4.580	4.730	96,8
Urbanização	13.844	6.750	7.094	95,2
Xipamanine	24.133	11.924	12.209	97,7
25 de Junho A	12.997	6.304	6.693	94,2
25 de Junho B	19.035	9.225	9.810	94,0
Total	748.513	365.284	383.229	95,3

QUADRO IV

Cidade de Maputo. Área periurbana. Distribuição da população por bairros e localidades urbanas

Bairros	População			Razão de sexo
	Total	Homens	Mulheres	
Albasine	5.152	2.601	2.551	102,0
Magoanine	11.900	5.668	6.232	90,9
Mahotas	21.282	10.262	11.020	93,1
Zimpeto	11.650	5.637	6.013	93,7
3 de Fevereiro	14.056	6.712	7.344	91,4
Loc.da Catembe	15.853	7.558	8.295	91,1
Loc. da Inhaca	4.672	2.106	2.566	82,1
Total	84.565	40.544	44.021	92,1

Fonte: Os Quadros I a IV foram elaboradas com base nos dados do II Recenseamento Geral da População e Habitação, 1997 (IIRGPH 97). Dados definitivos. Maputo, Instituto Nacional de Estatística (INE).

### III. URBANO E RURAL EM CONVIVÊNCIA NO ESPAÇO DA CIDADE?

Infelizmente ainda não é possível fazer a análise da informação estatística disponível tendo como base territorial as áreas aqui definidas (urbana, suburbana e periurbana). No entanto, e tendo em atenção a relação existente entre a divisão administrativa (distritos urbanos) e estas três áreas, como já atrás foi referido, é possível apresentar alguns indicadores socio-demográficos e ensaiar alguma comparação entre os cinco distritos urbanos e, por conseguinte, aproximá-la das áreas em que este artigo estrutura a cidade de Maputo.

Os indicadores vão ser apresentados de acordo com as unidades territoriais a que se referem no IIRGPH 97. Os dados censuais serão complementados, em alguns casos, por informação obtida em trabalho de campo realizado pelo autor e seus estudantes em diferentes bairros da cidade de Maputo.

As mulheres dos 12 aos 50 anos têm, como média, 1,9 filhos nados-vivos por mulher, para o conjunto da cidade. Mas este indicador varia significativamente entre os distritos urbanos (DU), passando de 1,5 no DU n.º 1 (área urbana), para 2,1 nos DU n.º 4 e 5 onde se localiza a maior parte da área periurbana (Quadro V)

Comportamento semelhante se pode observar quando se analisa o número de filhos que não sobreviveram (Quadro V), havendo uma diferença de 2,4% do urbano para o suburbano e o periurbano. Isto está directamente relacionado com as condições de vida das famílias, o acesso aos cuidados de saúde e as infra-estruturas de abastecimento e saneamento que deixam de existir à medida que se penetra nos bairros suburbanos e periurbanos.

QUADRO V

**Cidade de Maputo. Número de filhos nados-vivos por mulher dos 12 aos 50 anos e percentagem dos que não sobreviveram em relação ao total de nados-vivos**

Distritos urbanos (DU)	N.º de filhos por mulher	% filhos que não sobreviveram
DU n.º 1	1,5	9,9
DU n.º 2	1,9	11,6
DU n.º 3	2,0	12,3
DU n.º 4	2,1	12,3
Du n.º 5	2,1	12,1
Cidade total	1,9	11,9

A dimensão média dos agregados familiares <sup>3</sup> é elevada em toda a cidade (5,4 pessoas), mas é no centro que a sua dimensão é nitidamente menor (Quadro VI). Fazendo a análise pelo número de pessoas por agregado familiar, verifica-se que nas áreas suburbana e periurbana os que incluem mais de 8 pessoas têm uma representação considerável, bastante superior ao DU n.º 1, com destaque para o DU n.º 3 onde se localizam alguns dos bairros mais populosos de Maputo (Polana Caniço A e Polana Caniço B – ver Quadro III). Em contrapartida, no DU n.º 1 predominam os agregados familiares com menos de 5 pessoas.

QUADRO IV  
Cidade de Maputo. Dimensão dos agregados familiares (AF) e sua variação pelos distritos urbanos

Distritos urbanos	Dimensão média dos AF	N.º de pessoas por AF		
		AF < 5 – %	AF 5 a 8 – %	AF > 8 – %
DU n.º 1	4,6	54,1	38,4	7,5
DU n.º 2	5,5	42,1	41,9	16,0
DU n.º 3	5,8	37,8	44,8	17,4
DU n.º 4	5,3	42,9	43,9	13,2
DU n.º 5	5,6	40,4	43,1	16,5
Cidade total	5,4	43,3	42,6	14,1

Fonte: Elaborado com base nos dados do II Recenseamento Geral da População e Habitação, 1997 (IIRGPH 97). Dados definitivos. Maputo, Instituto Nacional de Estatística (INE).

Um indicador que, apesar de discutível, é usado para definir uma maior ou menor urbanidade e/ou ruralidade é o tipo de casa e o material de construção utilizado. Em Moçambique vulgarizou-se o uso das designações de «material de construção definitivo» para indicar o cimento, os blocos, o tijolo, o betão, o ferro, etc. e «material de construção precário», que significa a construção de residências com madeira, zinco, paus (estacas), capim e outro tipo de material não convencional. O IIRGPH 97 define quatro categorias ou tipos de habitações de acordo com o material de construção usado <sup>4</sup> e que reflectem as condições socio-económicas das famílias.

<sup>3</sup> No IIRGPH 97 entendeu-se por agregado familiar (AF) « todo o grupo de pessoas ligadas ou não por laços de parentesco, que vivem na mesma habitação e compartilhavam as despesas da casa ».

<sup>4</sup> O IIRGPH define os seguintes tipos de habitação:

Moradia e *flat*/apartamento – construídas com materiais convencionais (blocos de cimento, blocos de tijolo, cobertura de chapa de zinco, de lusalite, telha, laje de betão);

As casas designadas por palhotas são típicas do mundo rural moçambicano. As de madeira e zinco são produto do crescimento dos bairros suburbanos quando a «cidade de cimento» atraiu trabalhadores vindos do mundo rural.

Na cidade de Maputo 18,9% dos agregados familiares vivem em palhotas tipicamente rurais (Quadro VII). Analisando este indicador por distrito urbano, facilmente se comprova que os dois mais periféricos (DU n.º 4 e 5) são os que apresentam mais agregados familiares a viver neste tipo de casas (26,8% e 25,2% respectivamente). Os 10% de palhotas do DU n.º 1 pertencem, na totalidade, às localidades urbanas da Catembe e da Inhaca que, fazendo parte administrativamente deste distrito, estão inseridas na área periurbana, o mesmo sucedendo para as casas de madeira e zinco e precárias.

QUADRO VII

**Cidade de Maputo. Tipos de casas por distritos urbanos (% do total por tipo)**

Tipo de casa	Total	DU n.º 1	DU n.º 2	DU n.º 3	DU n.º 4	DU n.º 5
Moradias	54,7	22,6	50,6	68,1	62,9	63,8
Flats/Apartamentos	14,6	64,9	10,9	1,0	0,1	3,2
Palhotas	18,9	10,0	9,1	18,4	26,8	25,2
Casas madeira e zinco	7,0	1,6	21,8	8,3	3,0	3,9
Casas precárias	4,6	0,7	7,4	4,0	7,0	3,7
Desconhecido	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2
100%	100%	100%	100%	100%	100%	

Fonte: Elaborado com base nos dados do II Recenseamento Geral da População e Habitação, 1997 (IIRGPH 97). Dados definitivos. Maputo, Instituto Nacional de Estatística (INE).

O tipo de habitação revela diferenças evidentes entre as três áreas da cidade, não apenas em relação ao material usado, mas igualmente quanto à construção em altura (*flats/apartamentos* – edifícios em altura, ou construção horizontal representada pelos restantes tipos de casas). É evidente, pelo Quadro VII, que a construção em altura (vertical) se concentra na área urbana (DU n.º 1), sendo fraca ou quase inexistente nas outras duas áreas, que crescem apenas horizontalmente.

---

Palhota, é uma casa cujo material predominante na construção é de origem vegetal (caniço, capim, palha, palmeira, colmo, estacas, bambu, etc.);

Casas precárias, são habitações construídas com material improvisado e precário, tal como papel, saco, latas, cascas de árvore, etc. ;

Casas de madeira e zinco, são habitações cujas paredes e tecto são construídas com madeira e zinco.

As casas de madeira e zinco encontram-se em maior número no DU n.º 2, onde se encontram os bairros suburbanos mais antigos da cidade, a densificação residencial é muito elevada e onde este tipo de casa representa uma etapa da evolução do assumir duma cultura mais urbanizada. Nos últimos anos, neste distrito, assim como no DU n.º 3, a madeira e zinco tem vindo a ser substituída, gradualmente, por moradias construídas com blocos de cimento e/ou tijolo, com cobertura, normalmente, de zinco e/ou lusalite.

No conjunto da cidade de Maputo, 51% das casas não têm acesso a água canalizada (Quadro VIII). Este valor tão elevado deve-se, no essencial, à falta de rede de distribuição deste líquido que caracteriza a quase totalidade da área periurbana e um número considerável de bairros da suburbana. Do total de palhotas, 78% não têm acesso a água canalizada nem dentro nem fora de casa. Esta população, como nas áreas rurais, abastece-se, essencialmente, em poços e/ou furos (44,3%), muitas vezes sem as condições mínimas de tratamento, o que agrava a situação sanitária em momentos de eclosão de doenças como a cólera. As casas de madeira e zinco abastecem-se, maioritariamente, de água canalizada fora de casa ou em fontanários (75,4%).

## QUADRO VIII

**Cidade de Maputo. Condições de abastecimento de água por tipo de habitação**  
(% em relação ao número total de habitações por tipo)

Formas de abastecimento		Total	Moradias	Flats/Apartamentos	Palhotas	Madeira/Zinco	Precária
Água canalizada	Dentro casa	22,1	17,7	77,9	1,0	11,7	1,9
	Fora casa	26,9	28,1	21,3	20,8	42,6	29,9
Fontanários		26,6	29,4	0,5	33,5	32,8	37,3
Poços e/ou furos		23,9	24,3	0,2	44,3	11,4	30,2
Outras formas		0,5	0,5	0,1	0,4	1,5	0,7
		100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaborado com base nos dados do II Recenseamento Geral da População e Habitação, 1997 (IIRGPH 97). Dados definitivos. Maputo, Instituto Nacional de Estatística (INE).

## QUADRO IX

**Cidade de Maputo. Abastecimento domiciliário de energia eléctrica por tipo de residência**  
(% em relação ao número de habitações por tipo)

Abastecimento electricidade	Total	Moradias	Flats/Apartamentos	Palhotas	Madeira/zinco	Precárias
Com electricidade	38,1	41,0	94,4	1,1	22,5	2,6
Sem electricidade	59,9	57,1	4,0	97,2	75,7	95,8
Desconhecido	2,0	1,9	1,6	1,7	1,8	1,6
100%	100%	100%	100%	100%	100%	

Fonte: Elaborado com base nos dados do II Recenseamento Geral da População e Habitação, 1997 (IIRGPH 97). Dados definitivos. Maputo, Instituto Nacional de Estatística (INE).

Os contrastes entre as três áreas da cidade ficam patentes no Quadro IX comparando os valores para as *flats*/apartamentos, para as palhotas e para as casas de madeira e zinco.

Para além do acesso a água potável, as condições de saneamento são igualmente precárias, porque, além de não existir um sistema de saneamento, com excepção da área urbana (DU n.º 1), 4% das casas de Maputo não possuem qualquer tipo de casa de banho, nem sequer uma latrina fora de casa. Apenas com latrina, que é uma característica rural muito expandida após a independência do país, encontram-se 70,3% das residências da cidade (Quadro X).

## QUADRO X

**Cidade de Maputo. Condições de serviço sanitário nas residências  
(% em relação ao número de habitações por tipo)**

Tipos de serviço sanitário		Total	Moradias	<i>Flats</i> /Apartamentos	Palhotas	Madeira/zinco	Precárias
Casa banho	C/ autoclismo	20,1	12,4	89,0	0,1	3,6	0,6
	S/ autoclismo	5,6	7,0	8,2	0,8	4,7	1,4
Com latrina		70,3	78,1	1,3	89,8	88,0	89,0
S/ casa de banho nem latrina		4,0	2,5	1,5	9,3	3,7	9,0
		100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaborado com base nos dados do II Recenseamento Geral da População e Habitação, 1997 (IIRGPH 97).  
Dados definitivos. Maputo, Instituto Nacional de Estatística (INE).

De acordo com o IIRGPH 97, 12,7% dos agregados familiares residentes na cidade de Maputo vivem, fundamentalmente, da agricultura e 4,0% dos habitantes declararam-se como agricultores.

Nesta urbe funciona um gabinete das «zonas verdes» assim como a União Geral das Cooperativas Agro-pecuárias de Maputo, que têm por objectivo a coordenação e a promoção das actividades agro-pecuárias que se desenvolvem dentro dos limites administrativos das cidades de Maputo e da Matola. A informação disponível revela que dentro do perímetro da cidade de Maputo, aproveitando os vales do Infulene e outras áreas de depressão da cidade, cerca de 13.000 ha de terra são usados para actividades agro-pecuárias a partir das quais se obtêm, em média, por ano, entre 27.000 e 30.000 toneladas de produtos agrícolas diversos, desde hortícolas aos cereais e oleaginosas, considerando os sectores cooperativo, familiar e privado (União Geral das Cooperativas Agro-pecuárias de Maputo, 1997 e inquéritos dos estudantes de Geografia da UEM).

Para ilustrar a importância desta actividade dentro da cidade de Maputo, transcreve-se um excerto do «Relatório da direcção da União Geral das

Cooperativas Agro-pecuárias de Maputo à Assembleia Geral» referente às actividades de 1997 e ao plano de 1998:

«Como estava previsto foi criada no *Zimpeto* uma unidade de frutas e arrancou-se com o projecto de produção de flores. *Na unidade de frutas do Zimpeto foram plantadas laranjeiras, papaeiras, bananeiras, limoeiros, cajueiros e canhoeiros.* Além de fruteiras esta unidade tem hortícolas (couves, cebola e batata-doce).

Ainda no domínio do desenvolvimento de fruticultura que num futuro próximo vai contribuir para aumentar o rendimento das cooperativas e aumentar o consumo de vitaminas na dieta alimentar das *famílias camponesas* foi criado um viveiro de fruteiras no Centro de Formação nas *Mahotas*. (...) Trabalham neste projecto cerca de *50 camponeses* diariamente (...)» (União Geral das Cooperativas, 1997) (o itálico é nosso).

O Zimpeto e as Mahotas aqui referidos são bairros da cidade de Maputo situados na área periurbana (Quadro IV e fig. 1).

Para terminar, apresentam-se alguns exemplos recolhidos durante trabalho de campo realizado em bairros da área periurbana, durante os anos lectivos 97/98 e 98/99, por estudantes do curso de Geografia da UEM orientados pelo autor deste artigo:

- No bairro Albasine, localizado na parte norte do espaço urbano da cidade (mapa da fig. 1), fazendo limite com o distrito (rural) de Marracuene, 80% da população vive em casas de caniço (palhotas), onde a organização do espaço residencial é tipicamente rural. Cerca de 72% dos residentes praticam a agricultura, como actividade principal, vendendo os produtos do seu trabalho no mercado informal. Estas duas actividades – agricultura e comércio informal dos produtos agrícolas – constituem a base fundamental, e por vezes única, de sobrevivência destas famílias. O bairro não possui rede de abastecimento de energia eléctrica nem de água potável.
- No bairro do Zimpeto, igualmente no extremo norte da cidade (mapa da fig. 1), dos 11.650 habitantes (Quadro IV), apenas 25% são naturais do bairro. Os restantes são imigrantes, relativamente recentes, oriundos das áreas rurais da província de Gaza. Mais de 50% dos moradores vivem da actividade agrícola que praticam dentro do espaço territorial do bairro, no vale do Infulene, ou no distrito (rural) de Marracuene. Neste bairro, 20% das casas são palhotas e não existe rede de abastecimento de água. Cerca de 25% das famílias defecam ao ar livre, pois não possuem sequer uma latrina.
- O bairro de Magoanine (mapa da fig. 1) apresenta características muito semelhantes ao anterior.

Passando para a parte sul da área administrativa da cidade, do outro lado da baía de Maputo, na localidade urbana da Catembe encontra-se uma situação ainda mais marcada de ruralidades que em nada foram alteradas com a inclusão administrativa dentro do espaço urbano. Quer as actividades desenvolvidas pelos residentes, quer as atitudes/comportamentos continuam a ser de camponeses.

- No bairro de Incassane, em 3 dos seus 5 quarteirões as casas chegam a estar separadas umas das outras por espaços de mais de 2 km, ocupados por machambas (campos agrícolas) familiares; um pouco mais de 80% das casas deste bairro são rodeadas por pequenas machambas trabalhadas pelos membros da família. Em 2 dos 5 quarteirões 100% dos residentes têm como actividade única a agricultura.
- Na bairro de Chamissava o povoamento é nitidamente disperso, com casas construídas de pau e caniço (palhotas). Os residentes dedicam-se à agricultura familiar, sendo a actividade exclusiva de 53% dos moradores.
- Nos bairros de Inguide e de Chali, 70% dos agregados familiares têm como actividade principal a agricultura familiar e/ou cooperativa, e as casas, construídas de pau e caniço (palhotas), encontram-se dispersas e rodeadas pelo espaço produtivo agrícola composto por pequenas machambas familiares.

Os exemplos que acabam de ser apresentados, apesar do pecado da repetição de situações e palavras, são elucidativos duma realidade que necessita continuar a ser estudada, mas que coloca a questão da aplicação dos conceitos urbano e rural a uma realidade algo diferente daquela para a qual foram criados.

As conclusões ainda estão por tirar. No entanto parece ser evidente que a cidade de Maputo apresenta 3 espaços social, económica, cultural e urbanisticamente diferentes, configurando 3 realidades diversas.

Maputo, Dezembro de 1999